

Sarney lança edição francesa de 'Saraminda' e procura esquecer crise que envolve Roseana no Brasil

Hugo Sukman

Correspondente

• PARIS. O senador José Sarney (PMDB-AP) não esconde de ninguém a vaidade que tem por sua obra literária e o prazer que sente em realizá-la. Portanto, não há momento em que seu ego seja mais afagado como o que viveu ontem em Paris, quando lançou na Maison de l'Amérique Latine a tradução francesa de seu último romance, "Saraminda", o terceiro publicado na França. Mas a política, o outro lado da carreira de Sarney, insiste em dizer presente mesmo em momentos puramente literários. Como ontem, quando, pouco antes do lançamento, um dos mais importantes admiradores de Sarney na França, o antropólogo Claude Lévi-Strauss, chegou para cumprimentá-lo.

— Soube da candidatura de sua filha à Presidência, parabéns — disse o autor de "Tristes trópicos", para depois brincar com o presidente:

— Isso está uma dinastia.

Feliz com a presença de tão importante intelectual, Sarney não conseguiu esconder um certo embaraço.

— É, acho que ele não está sabendo dos últimos acontecimentos no Brasil — comentou logo depois o senador, referindo-se à crise política que tem como centro sua filha, a governadora Roseana Sarney.

No Brasil, a crise pega fogo e o ex-presidente divide seu momento de felicidade literária com a expectativa do lançamento de seu próximo texto, na verdade o discurso criticando o presidente Fernando Henrique Cardoso e o PSDB, que está prometendo fazer no plenário do Senado.

— Vou falar na terça ou na quarta-feira, dependendo da agenda do Senado — disse o senador.

Sarney diz que enquanto trabalha



Adilson Félix

O SENADOR José Sarney conversa em Paris com o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, admirador de sua obra literária

como escritor — sempre depois das 23h, todas as noites — esquece as agruras políticas. Um lançamento de livro é, para ele, um desses momentos literários em que a política não é convidada. Sarney garante que, pelo menos nesse momento, não pensa na crise política que afeta sua família. Prefere ficar com os comentários feitos por intelectuais como Lévi-Strauss ao seu romance.

— O que mais admiro em Sarney é a capacidade de dar dimensão lírica e metafísica mesmo à vida da gente miserável da costa do Nordeste. Ele me fez conhecer aspectos do Brasil que eu não conhecia, concentrado que estava nas minhas pesquisas — disse Lévi-Strauss, de 93 anos, que nos

anos 30 pertenceu ao grupo de professores franceses que fundou a USP e percorreu o interior estudando os índios brasileiros.

Ontem, como é praxe em lançamentos franceses de livro, o autor leu trechos para os convidados que lotaram o pequeno auditório. Sarney leu em português e sua tradutora, Monique Le Moing, a tradução em francês. Na platéia, diplomatas brasileiros em postos na Europa, como o embaixador na Organização Mundial do Comércio, Seixas Corrêa, e o embaixador em Paris, Marcos de Azambuja, além de intelectuais franceses ligados ao senador, como o escritor Maurice Druon, da Academia Francesa.

"Saraminda" é o terceiro livro de

Sarney lançado na França, e o mais próximo da cultura francesa. Romance histórico ambientado na região amazônica, grande parte da história é passada em Caiena, capital da Guiana Francesa, e trata do Contestado, os conflitos de terra envolvendo brasileiros e franceses no século XIX justamente pelas terras que hoje compõem o Amapá.

— Nos últimos anos, o romance (que só abraçou depois dos 60 anos) tem sido meu refúgio. Mas se a literatura foi a minha vocação, a política foi meu destino. E a política só tem uma porta, a de entrada — disse o senador, que hoje embarca de volta para o Brasil e para o olho do furacão que envolve a candidatura de sua filha.